

Questões vitais para paz na Ucrânia



Por **ANDREW KORYBKO**

A julgar pelas palavras de Trump até agora e por relatos recentes, ele está abusando da sorte com Putin, que está aberto a compromissos, não a concessões, tampouco a concessões significativas em termos de segurança. Se a abordagem não mudar, espera-se uma escalada séria

1.

As garantias de segurança ocidentais para a Ucrânia são um dos principais problemas que atrasam uma resolução política para o conflito. A Rússia lançou a sua missão especial (SMO), principalmente em resposta às ameaças da OTAN vindas da Ucrânia. Portanto, seria uma concessão significativa para a Rússia concordar com algum nível dessas ameaças, talvez até mesmo em formas mais intensas do que antes da SMO, permanecendo após o fim do conflito.

No entanto, como se constata, é exatamente isso que Donald Trump prevê, de acordo com suas próprias declarações e relatórios recentes:

18 de agosto: ["Ucrânia oferece a Donald Trump um acordo de US\\$ 100 bilhões em armas para obter garantias de segurança"](#)

23 de agosto: ["O Pentágono bloqueou discretamente os ataques com mísseis de longo alcance da Ucrânia contra a Rússia"](#)

25 de agosto: "Donald [Trump diz que os EUA pararam de financiar a Ucrânia](#)"

25 de agosto: ["Os EUA não desempenharão um papel fundamental nas garantias de segurança da Ucrânia - Donald Trump"](#)

26 de agosto: ["EUA oferecem apoio aéreo e de inteligência à força do pós-guerra na Ucrânia"](#).

As conclusões correspondentes são que: (i) a Ucrânia quer que Donald Trump continue sua nova política de armamento indireto por meio de novas vendas de armas para a OTAN; (ii) embora a Ucrânia não tenha mais permissão dos EUA para atacar territórios russos universalmente reconhecidos, 3.350 mísseis lançados do ar *Extended Range Attack Munition* foram aprovados de acordo com a política mencionada.

(iii) Tais acordos representam sua nova abordagem ao conflito; (iv) ele está relutante em se envolver mais profundamente; mas (v) os EUA ainda podem ajudar as forças da União Europeia na Ucrânia.

Da perspectiva oficial da Rússia, que pode especulativamente não refletir sua perspectiva real a portas fechadas: (1) o

fluxo contínuo de armas da OTAN para a Ucrânia é inaceitável; (2) é ainda pior se forem armas ofensivas modernas (os Javelins e Stingers pré-SMO já eram ruins o suficiente); (3) o orgulho de Donald Trump em sua nova política torna improvável que ele mude de rumo; (4) é louvável, porém, que ele não queira se envolver mais profundamente; mas (5) quaisquer forças ocidentais na Ucrânia continuam inaceitáveis.

2.

Assim, os pontos em conflito são o fluxo contínuo de armas ofensivas modernas para a Ucrânia e o flerte dos EUA com o apoio às tropas da União Europeia no país, que, segundo o relatório citado anteriormente, poderiam ser mobilizadas a alguma distância da linha de frente, atrás de tropas ucranianas treinadas pela OTAN e de forças de paz de países neutros.

O apoio dos EUA poderia, segundo informações, assumir a forma de inteligência, vigilância e reconhecimento; comando e controle; mais defesas aéreas; e aeronaves, logística e radares para apoiar uma zona de exclusão aérea imposta pela União Europeia.

O cenário acima mencionado intensificaria as ameaças vindas da Ucrânia, provenientes da OTAN. Seria um adversário mais formidável do que na era pré-OMS e, desta vez, contaria com o apoio direto de tropas de alguns países da OTAN em seu território, mesmo que os EUA não lhes concedessem oficialmente a proteção prevista no Artigo 5.

O risco de uma guerra acirrada entre a OTAN e a Rússia, seja por iniciativa do bloco ou pela Ucrânia manipulando-o por meio de provocações futuras, seria, portanto, inédito e permaneceria uma ameaça persistente.

Portanto, é improvável que a Rússia concorde com isso mesmo que o Ocidente coaja a Ucrânia a ceder todas as regiões disputadas, o que é improvável em qualquer caso, já que isso equivaleria a ameaças da OTAN na Ucrânia serem muito piores do que antes do Acordo de Paz de Sussex.

No máximo, a Rússia poderia concordar com o fluxo de armas ofensivas modernas para a Ucrânia e talvez tropas ocidentais a oeste do Dnieper, mas somente se toda a região a leste do rio for desmilitarizada e os EUA reduzirem significativamente suas forças na Europa.

A proposta de desmilitarização foi apresentada pela primeira vez em janeiro e também implicaria que a região da “Trans-Dnieper” (TDR) fosse controlada por forças de paz não ocidentais, com apenas uma presença simbólica da Ucrânia, como forças policiais locais.

Esse arranjo se alinha com o espírito do que está sendo considerado no relatório citado anteriormente, com forças de paz de países neutros patrulhando a frente de batalha, tropas ucranianas treinadas pela OTAN atrás delas e, em seguida, tropas ocidentais a alguma distância.

As diferenças, porém, são que a TDR não seria desmilitarizada devido à presença de tropas ucranianas treinadas pela OTAN ali, e a União Europeia imporia uma zona de exclusão aérea, seja sobre toda a Ucrânia ou apenas a oeste da TDR.

A Rússia poderia aceitar tropas ucranianas treinadas pela OTAN na TDR se Kiev cedesse todas as regiões disputadas, mas uma zona de exclusão aérea ali provavelmente permaneceria inaceitável. Uma redução significativa das forças americanas na Europa, no entanto, poderia tornar uma zona a oeste do Dnieper mais aceitável para a Rússia.

3.

a terra é redonda

Em resumo, o interesse de Donald Trump em dar continuidade à sua nova política de armar indiretamente a Ucrânia por meio da OTAN e até mesmo auxiliar algumas das forças do bloco na região poderia, em teoria, ser aprovado pela Rússia como parte de uma solução política, mas apenas sob condições muito específicas.

Trata-se de cessões territoriais e uma Zona de Detenção Revolucionária (TDR) desmilitarizada, controlada por forças de paz não ocidentais, enquanto uma zona de exclusão aérea imposta pela União Europeia a oeste do rio poderia – no cenário altamente improvável que for acordado – exigir uma redução significativa das forças americanas na Europa.

O problema, porém, é que Donald Trump intensificou sua retórica contra a Rússia após a recente Cúpula da Casa Branca sobre garantias de segurança com Volodymyr Zelensky e um punhado de líderes europeus. Isso inclui [criticar Joe Biden, de forma contra factual](#), por não autorizar ataques ucranianos dentro do território universalmente reconhecido da Rússia e [ameaçar uma guerra econômica](#) com a Rússia se Vladimir Putin não ceder. Donald Trump pode, portanto, tentar tornar o pior cenário de Vladimir Putin um fato consumado.

A União Europeia, Volodymyr Zelensky e os belicistas americanos, como Lindsey Graham, prefeririam que Donald Trump fizesse exigências inaceitáveis a Vladimir Putin, que sabotassem o processo de paz, o que poderia ser usado para justificar uma escalada ocidental, ou o obrigasse perigosamente a esse fato consumado.

A julgar pelas palavras de Donald Trump até agora e por relatos recentes, ele está abusando da sorte com Vladimir Putin, que está aberto a compromissos, não a concessões, muito menos a concessões significativas em termos de segurança. Se essa abordagem não mudar, espera-se uma escalada séria.

**Andrew Korybko é mestre em Relações Internacionais pelo Instituto Estadual de Relações Internacionais de Moscou. Autor do livro Guerras híbridas: das revoluções coloridas aos golpes (Expressão Popular). [<https://amzn.to/46lAD1d>]*

Tradução: **Artur Scavone**.

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[CONTRIBUA](#)